"AINDA ASSIM EU ME LEVANTO": RESISTÊNCIA E IDENTIDADE EM POEMAS DE AUTORAS AFRO-AMERICANAS

Elisângela Fernandes Alves Fabri (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Geniane Diamante F. Ferreira (Orientadora). E-mail: gdfferreira@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes / Literaturas Estrangeiras Modernas.

Palavras-chave: Feminismo Negro; Teoria Pós-Colonial; Resistência discursiva.

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção da resistência e da identidade em três poemas de autoras afro-americanas: "Fragmento" (ca. 1930 [2024]), de Angelina Weld Grimké, "Para uma menina negra" (1927), de Gwendolyn Bennett e "Você não vai celebrar comigo?" (1993), de Lucille Clifton. Fundamentada na Teoria Pós-Colonial e no Feminismo Negro discutidos por Stuart Hall, Angela Davis, bell hooks, entre outros, a pesquisa compreende a resistência discursiva como estratégia de enfrentamento às formas históricas de silenciamento e marginalização. De natureza qualitativa, bibliográfica e interpretativa, a investigação desenvolve-se por meio da leitura analítica dos poemas selecionados. Os resultados indicam que as vozes poéticas transformam experiências de racismo, desigualdade, exploração e apagamento em formas de afirmação da existência. Em "Fragmento", o riso configura-se como estratégia cotidiana de sobrevivência; em "Para uma menina negra", a valorização da negritude e da ancestralidade rompe com representações de inferiorização; e, em "Você não vai celebrar comigo?", a autocriação e a celebração da sobrevivência constituem atos de resistência. Conclui-se que a poesia de autoria negra feminina constitui um espaço de reconstrução da subjetividade e de afirmação identitária, no qual experiências individuais são ressignificadas e assumem dimensão coletiva de resistência.

INTRODUÇÃO

A literatura constitui um importante espaço de expressão, memória, resistência e construção de identidades. Contudo, grupos historicamente marginalizados tiveram suas vozes frequentemente silenciadas ou representadas segundo perspectivas dos grupos dominantes. No caso das mulheres negras, essa exclusão articula dimensões raciais, sociais e de gênero, produzindo formas específicas de marginalização. A literatura produzida por essas mulheres insere-se, portanto, como espaço de denúncia, recuperação de memórias e afirmação de novas representações sobre a experiência negra feminina.

No contexto estadunidense, o Harlem Renaissance contribuiu para a valorização da produção cultural afro-americana e para a ampliação da visibilidade de escritores e artistas negros. É nesse contexto que se inserem Angelina Weld Grimké e Gwendolyn Bennett, enquanto Lucille Clifton, em período posterior, amplia esse legado ao apresentar uma poesia marcada pela afirmação da experiência negra e feminina.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como a produção literária de mulheres negras pode constituir-se como instrumento de resistência diante de processos históricos de exclusão. O objetivo geral é analisar como resistência e identidade são construídas nos três poemas selecionados. Especificamente, busca-se compreender a resistência discursiva presente nos textos, investigar a construção da identidade negra feminina e discutir a contribuição da literatura de autoria negra para a valorização de experiências historicamente invisibilizadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Por tratar-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica e interpretativa, este item é desenvolvido como revisão de literatura e análise do corpus. Foram selecionados três poemas de autoras afro-americanas: “Fragmento” de Angelina Weld Grimké (*in* Prates, 2024, p. 21); “Para uma menina negra”, de Gwendolyn Bennett (*in* Cullen, 1927, p. 157); e “Você não vai celebrar comigo?”, de Lucille Clifton (1993, p. 25). A leitura dos textos foi realizada a partir dos conceitos de resistência, identidade, subjetividade, ancestralidade e representação.

A fundamentação teórica articula a Teoria Pós-Colonial e o Feminismo Negro. Em Hall (2019), a identidade é entendida como processo contínuo de construção, e não como essência fixa. Davis (2016) permite compreender a articulação entre raça, gênero e classe na experiência das mulheres negras, enquanto hooks (2018) destaca a importância da voz e da ruptura com o silenciamento imposto pelo sujeito opressor.

A análise foi organizada a partir da identificação de textos, enunciados e estratégias discursivas relacionadas à resistência e à construção identitária. Buscou-se observar como os sujeitos líricos enfrentam situações de marginalização e como elementos como o corpo negro, o riso, a ancestralidade, a autodefinição e a coletividade participam da reconstrução da subjetividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “Fragmento” (Grimké *in* Prates, 2024, p. 21), poema de apenas oito versos, a voz poética apresenta-se como uma mulher negra submetida a condições precárias: “Vivo nos porões e em lugares lotados / Trabalho só para comer”. Apesar desse contexto, afirma: “E rio”. O riso constitui uma estratégia de resistência cotidiana, pois a mulher se recusa a ser definida somente pela dor. A afirmação da negritude em “Sou a mulher da preta preta pele” também desloca a cor da pele do lugar de estigma para o lugar de afirmação. A identidade, nesse caso, forma-se no

enfrentamento da opressão e na preservação da dignidade. A experiência apresentada também evidencia a articulação entre exploração econômica, racial e de gênero discutida por Davis (2016).

"Para uma menina negra" (Bennett *in* Cullen, 1927, p. 157, tradução nossa), conta com doze versos que mostram que a resistência aparece inicialmente pela valorização explícita da negritude: "Eu te amo por sua negritude". O eu lírico oferece à menina negra uma representação positiva de seu corpo e de sua existência. A ancestralidade é igualmente significativa nos versos que evocam "rainhas há muito tempo esquecidas", contrapostas à imagem do "escravizado acorrentado". O orgulho e a valorização da mulher negra em oposição à humilhação e à objetificação impostas pelo opressor celebram sua força, sua história e sua humanidade. O poema, assim, recupera uma memória negra anterior à escravidão e rompe com a redução da história negra ao lugar da servidão. A recomendação para que a menina preserve "toda a sua majestade" transforma a memória ancestral em fonte de força e afirmação identitária.

No poema de quatorze versos, "Você não vai celebrar comigo?" (Clifton, 1993, p. 25, tradução nossa), a construção da identidade aparece como autocriação. Ao afirmar "eu não tive nenhum modelo" e "eu forjei isso", a voz poética evidencia que precisou construir sua trajetória em um contexto no qual mulheres negras não encontravam modelos suficientes de representação. A celebração proposta pelo poema não significa ausência de sofrimento, mas reconhecimento da sobrevivência. O verso "todos os dias alguma coisa tenta me matar / e falha" sintetiza a resistência cotidiana e transforma o ato de existir em gesto político. O convite "venha celebrar comigo" amplia essa experiência para uma dimensão coletiva, aproximando-se da defesa de Davis (2016) da solidariedade entre mulheres negras. Essa união de forças e vozes resiste e enfrenta o apagamento histórico imposto pelo colonizador.

Os três poemas apresentam, portanto, diferentes formas de resistência discursiva. O riso, a valorização da negritude, a ancestralidade, a autodefinição e a celebração da sobrevivência funcionam como estratégias de enfrentamento ao apagamento. Em diálogo com Hall (2019), percebe-se que as identidades construídas pelas vozes poéticas não são estáveis ou homogêneas: são marcadas por memória, sofrimento, deslocamento, resistência e reconstrução contínua. A literatura torna-se, desse modo, espaço no qual o sujeito pode produzir outras imagens de si e contestar representações impostas pelo olhar dominante.

CONCLUSÕES

A análise dos três poemas demonstra que a poesia produzida por mulheres negras constitui importante forma de resistência e afirmação identitária. Embora cada texto apresente estratégias distintas, todos transformam experiências de opressão em linguagem de enfrentamento. Em "Fragmento", o riso funciona como mecanismo de sobrevivência; em "Para uma menina negra", a negritude e a ancestralidade são valorizadas como fontes de dignidade; e, em "Você não vai celebrar comigo?", a autocriação e a celebração da existência representam formas de resistência.

Os resultados permitem compreender que resistência e identidade estão profundamente relacionadas. Ao romperem com o silenciamento, as vozes poéticas não apenas denunciam o racismo e as desigualdades de gênero e classe, mas também constroem novas possibilidades de representação para as mulheres negras.

A identidade aparece como processo contínuo, atravessado por experiências históricas e pela capacidade de reconstrução do sujeito. Assim, os poemas ultrapassam a experiência individual e assumem dimensão coletiva, contribuindo para debates sobre representatividade, reconhecimento e emancipação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à Fundação Araucária pelo financiamento e pelo apoio essencial à realização desse projeto, contribuindo diretamente para o desenvolvimento dessa pesquisa. Agradeço também à Universidade Estadual de Maringá (UEM) pelo suporte institucional, à minha orientadora pela dedicação, orientação e acompanhamento durante todo o processo, bem como a todos os envolvidos, cujas contribuições teóricas e acadêmicas foram fundamentais para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

CLIFTON, L. **The book of light.** Port Townsend, WA: Copper Canyon Press, 1993.

CULLEN, C. (org.). **Caroling dusk: an anthology of verse by Negro poets.** New York: Harper & Brothers, 1927.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de H. R. Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12. ed. Tradução de T. T. da Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2019.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução de A. L. Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

PRATES, L. (org.). **Você lembrará seus nomes: uma antologia de poetas negras dos Estados Unidos.** Tradução de Marina Correia Santos et al. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.